



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**

SANDRA ELIAS DA SILVA

**VIVÊNCIAS COM A LITERATURA INFANTIL NA SALA DE AULA: UMA
EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO 6º ANO**

CAMPINA GRANDE-PB

2016

SANDRA ELIAS DA SILVA

**VIVÊNCIAS COM A LITERATURA INFANTIL NA SALA DE AULA: UMA
EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO 6º ANO**

Trabalho de Conclusão de Curso em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de graduação em Letras –
Língua Portuguesa.
Área de concentração: Literatura.

Orientadora: Profª Drª. Ana Lucia Maria de Souza
Neves

CAMPINA GRANDE-PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586v Silva, Sandra Elias da
Vivências com a literatura Infantil na sala de aula
[manuscrito] : uma experiência com alunos do 6º ano / Sandra
Elias da Silva. - 2016.
24 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Ana Lucia Maria de Souza Neves,
Departamento de Letras e Artes".

1.Leitura. 2.Leitura infantil. 3.Formação de leitores. I.
Título.

21. ed. CDD 372.4

SANDRA ELIAS DA SILVA

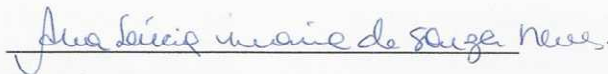
**VIVÊNCIAS COM A LITERATURA INFANTIL NA SALA DE AULA: UMA
EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO 6º ANO**

Artigo de conclusão de Curso em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de graduado em Letras-
Licenciatura Língua Portuguesa.

Área de concentração: Língua Portuguesa

Aprovada em: 02/12/2016.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr.^a Ana Lucia Maria de Souza Neves (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Amasile Coelho Lisboa de Souza

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Raniere Machado Bezerra de Mello

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Agradeço à Deus, que me deu coragem para questionar realidades e propor sempre um novo mundo da possibilidades, por ser essencial em minha vida, a minha mãe Socorro e ao meu esposo Edgley, pois sem eles eu não teria forças para essa longa jornada, agradeço aos meus familiares, meus professores e aos meus colegas que me incentivaram de alguma forma. E a minha razão de viver, meu filho Jhonatan.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o autor da minha vida.

A todas às pessoas que estiveram presentes ao longo de minha jornada acadêmica. E que de algum modo colaboraram direta ou indiretamente até o presente momento. Acrescentando de algum modo algo importante para a minha vida. Meu muito obrigado a minha família, amigos, professores e colegas, que de alguma maneira, participaram desse momento que vai ficar marcado para sempre em meu coração!

Em especial,

À minha querida mãe e amiga Maria do Socorro da Silva Elias, pelo carinho e dedicação e incentivo. E principalmente o empenho para que junto a ela obtivesse essa grande conquista.

Ao meu pai José Elias, pelo seu cuidado e proteção.

A minha irmã Josicleide Elias da Silva, pela segurança e apoiou nos momentos que demonstrei fraqueza.

Ao meu esposo Edgley Lira Freitas, que sempre me apoio e nunca me deixou desistir.

As minhas amigas Edilanhia Camilo, e Tia Maria de Fatima Ferreira Leal companheiras de todos os momentos minhas queridas amigas, obrigada por existirem em minha vida, que Deus conserve sempre a nossa amizade.

A minha maior realização, meu filho Jhonatan Elias da Silva, meu amor maior.

A minha orientadora, Profa. Dra Ana Lucia Maria de Souza Neves, responsabilidade e comprometimento durante as orientações.

Aos meus adoráveis alunos, pela oportunidade de conhecê-los!

Amo todos vocês!

“Bom é termos esperança e aguardar em silêncio as promessas do Senhor!”

Lamentações 3.26a

“Dos diversos instrumentos do homem, o mais assombroso é, sem dúvida, o livro. Os demais são extensão do seu corpo... Mas o livro é outra coisa, o livro é uma extensão da memória e da imaginação”.

Jorge Luís Borges

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	QUESTÕES HISTÓRICAS E CONCEITUAIS DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL.....	09
3	FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTIL: UMA ESCOLARIZAÇÃO ADEQUADA DA LITERATURA	12
4	A EXPERIÊNCIA COM A LITERATURA INFANTIL NO 6º ANO FUNDAMENTAL	14
4.1	AS ATIVIDADES REALIZADAS	14
4.2	DO UNIVERSO NARRATIVO DE ALICE A RECEPÇÃO DOS ALUNOS.....	18
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
	ABSTRACT	21
	REFERÊNCIAS	22

VIVÊNCIAS COM A LITERATURA INFANTIL NA SALA DE AULA: UMA EXPERIÊNCIA COM ALUNOS DO 6º ANO

Sandra Elias da Silva¹

Resumo: Este artigo corresponde à análise do trabalho com a literatura desenvolvido em uma turma do 6º ano do ensino fundamental. Para a realização do estudo, recorremos a uma pesquisa-ação, centrada no trabalho com a leitura literária em sala de aula, cuja investigação baseou-se em uma autorreflexão acerca das práticas de leitura do texto literário na sala de aula/escola. Ao longo do trabalho, ressaltamos a importância da leitura e seus benefícios, buscando mostrar as estratégias empregadas e enfatizando o papel do professor como mediador para despertar o interesse pela leitura, aspecto que consideramos imprescindível. O objetivo principal foi analisar a recepção dos alunos em relação ao texto literário, através da descrição e análise do trabalho desenvolvido. Em virtude desta questão, selecionamos como referencial teórico autores que discutem a escolarização da literatura, dentre estes: CADEMARTORI (2010), COSSON (2006), MALARD (1985), SOSA (1978), ZILBERMAN (1988-98).

Palavras-chave: Literatura Infantil. Leitura. Formação de leitores.

1 INTRODUÇÃO

A literatura destinada às crianças tem como objetivo despertar o interesse pela leitura. Como podemos mostrar através de Coelho (2000), ao qual afirma que a partir da metade dos anos 70, o livro infantil se tornou “uma leitura que, mais do que simples divertimento, é um fecundo instrumento de formação humana, ética, estética, política, etc.”, e ainda descreve que a literatura infantil “oferece matéria extremamente fecunda para formar ou transformar as mentes”, pois é “um dos mais eficazes instrumentos de formação dos imaturos. Formação esta, que pode ser trabalhada no meio escolar, através de uma escolarização literária”, Soares (2011).

Conforme destaca Malard (1985), a literatura é muito mais do que características e

¹ Aluna de Graduação em Letras – Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.

definições de estilo de época:

A literatura é uma prática social tanto para quem escreve quanto para quem a lê. Prática social no sentido de atividade humana em intenção transformadora do mundo, que expressa o peculiar da relação do homem com o mundo, os modos de ser do homem no mundo. (p.10).

Assim sendo, o estudo da literatura precisa pautar-se no texto, a unidade de sentido, e no contexto (informações sobre o autor, período em que a obra foi escrita, condições de produção, circulação e recepção do texto, bem diferente da memorização de fatos e datas históricas, aspectos priorizados no estudo da literatura no Brasil), representando para o aluno algo dinâmico, vivo, humano...

Nessa perspectiva, não há outra forma de se aprender literatura senão pela leitura. “Ler poemas, contos, romances, crônicas etc (...) antigos e atuais de preferência inteiros.” (Op. Cit., p.11).

A questão do valor em literatura considera não apenas o valor literário em si mesmo, mas o valor literário imbricado numa rede mais ampla, de natureza social, e coletiva, que diz respeito ao papel do escritor e do público, suas origens de classe, função intelectual e étnica, e a seus anseios profundos.

Diante do exposto, e frente à realidade que encontramos ainda hoje nas escolas no que se refere ao ensino/estudo da literatura considerada, muitas vezes, como mero pretexto para se ensinar gramática e regras de comportamento, percebemos a necessidade de proporcionarmos aos alunos momentos de leitura literária que lhes possibilitem a familiarização com diferentes gêneros literários, bem como motivação e embasamento teórico para criar em sala de aula momentos ricos de interação do aluno com o texto.

Neste sentido, a presente pesquisa teve como objetivo analisar a recepção dos alunos em relação ao texto literário, através da descrição e análise do trabalho desenvolvido em uma turma do 6º ano do ensino fundamental, a fim de compreender os percursos formativos e as práticas de leitura de cada um.

A leitura proporciona momentos únicos, tais como: escolher entre escritores do passado ou do presente; lê onde e quando convém; no ritmo ao qual o leitor se deleite; ser uma leitura rápida ou pausada; interrompida ou contínua que possibilite reflexões e prazer, desejo e vontade. Lê o quê, quando onde e como bem entender.

O estudo foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Gercina Eloy Freire, localizada no bairro Centro, no município de Remígio/Pb. Através de atividades trabalhadas na sala do 6º ano D, turno tarde, composta por 28 alunos, entre 11 e 15 anos,. Sendo 17 meninas e 11 meninos..

A escolha da obra principal, *Alice no País das Maravilhas*, deveu-se à observação da preferência dos alunos por histórias com enredos fantásticos e com situações inusitadas.

2 QUESTÕES HISTÓRICAS E CONCEITUAIS DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

A literatura infantil tem como gênese o século XVII, devido às mudanças que na sociedade vinham acontecendo, uma dessas mudanças é a de entender que a criança é um ser diferente do adulto e precisa ser tratada de maneira singular, constituída por fases que devem ser respeitadas e compreendidas. A literatura infantil, de acordo com esses pressupostos, apresentam suas próprias características, que correspondem à faixa etária de seu público leitor.

Isso ocasionou uma associação da literatura infantil e juvenil à pedagogia, cujas histórias estavam se desenvolvendo como instrumento dessa área. Podemos afirmar com base em ZILBERMAN (1998) que o "texto literário preenche uma função pedagógica, associando-se muitas vezes à própria escola" e isso "por semelhança (convertendo-se no livro didático empregado em sala de aula) ou arredor (o livro de ficção que exerce em casa a missão do professor)".

No século XVIII, as crianças que pertenciam à nobreza liam os grandes clássicos, já as desprivilegiadas economicamente liam ou ouviam as histórias de cavalaria e de aventuras. As lendas e contos de folclore formavam uma literatura de cordel de grande interesse das classes populares. Como podemos ver no comentário de Regina Zilberman (1998) sobre como se constitui a literatura infantil com a ascendência da burguesia:

Antes da constituição desse modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle de desenvolvimento intelectual da criança e

manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola inventada a primeira e reformada a segunda, soa convocadas para cumprir esta missão. (p.15)

No Brasil a literatura infantil teve início com obras pedagógicas, adaptadas de produções portuguesas. Essa fase inicial teve representações com *Carlos Jansen* (Contos seletos das mil e uma noites), *Robinson Crusóé* (As viagens de Gulliver e Terras desconhecidas), *Figueiredo Pimentel* (Contos da carochinha), *Coelho Neto* e *Olavo Bilac* (Contos pátrios) e *Tales de Andrade* (Saudade).

É com *Monteiro Lobato* que se inicia a “real” literatura infantil brasileira. Com sua obra diversificada e centrada nos personagens e no mundo ficcional apresentado durante as aventuras. No sítio do Pica-pau Amarelo moram Dona Benta e Tia Anastácia, as personagens adultas, as crianças (Narizinho e Pedrinho), as “outras criaturas” (Emilia e Viscode de Sabugosa) e os animais como Quindim e Rabicó.

Na obra de Lobato é possível constatar as inquietações e preocupações do autor com questões sociais e históricas. O escritor dedicou-se também a adaptações de contos de fadas como os de *Peter Pan* e *Pinóquio*. Lobato também viu no livro infantil um produto industrial, fundando editoras e contribuindo para a modernização da produção editorial brasileira em que através das fantasias, levantaram-se questionamentos sobre problemáticas sociais. A literatura infanto-juvenil no Brasil a partir de Lobato oferece entretenimento, aventura, estética e subjetividade.

O período que compreende as décadas de 1940 a 1960 é marcado pela reprodução em série de obras repetitivas e pelo investimento na tradicional missão patriótica, influenciada pela forte presença da cultura estrangeira, principalmente a norte-americana. Nota dissonante nesse quadro é a obra de Henriqueta Lisboa. É nesse período que a poetisa mineira escreve e publica seus primeiros ensaios, organiza e publica antologias para a infância e a juventude e produz o seu livro de poesia *O Menino Poeta* (1943).

A década de 80 correspondeu ao período que sucede a fase do “boom da literatura infantil”, ocorrida na década de 70. Conforme destacam BRANDÃO (1998), CUNHA (1970), BORDINI (1998), a literatura infantil e, mais especificamente a poesia para criança e jovens brasileira, ingressa em uma fase marcada por duas realidades: de um lado muitos dos melhores nomes de nossa literatura infantil estavam lançando-se àquela época na trilha das obras primorosas de Henriqueta Lisboa (*O Menino Poeta*), de Cecília Meireles (*Ou isto, ou aquilo*), de Vinícius de Moraes (*A Arca de Noé*), de Mario Quintana (*Pé de Pilão*). Dentre

estes novos nomes, encontram-se: Sérgio Caparelli, Elias José, José Paulo Paes, Bartolomeu Campos Queiros, Roseana Murray, Ricardo Azevedo, os quais realizaram incursões felizes por meio do humor questionador, pela organização gráfico-especial dos versos, pela escolha e articulação das palavras, pelo resgate de temáticas e recursos da poesia popular, etc. Por outro, em virtude, principalmente da necessidade de atender ao mercado consumista, que se consolidava, surgiram as exigências para que o poeta publicasse cada vez mais e em prazos mais curtos de tempo, gerando:

Uma pulverização temática e estilística em que muito se escreve, mas sempre sobre o mesmo. A massa da produção se apresenta como redundância anódina, viciada pela ânsia de agradar, mesmo que isso signifique representar sempre o mesmo prato com outra decoração. (Bordini, 1998, p.44).

Nessa mesma fase, mais precisamente início dos anos noventa, estendendo-se para a década seguinte, surgem os projetos e programas nacionais de incentivo à leitura, criado pelo Ministério da Educação: *Ciranda do livro*; *Salas de leitura*; *Literatura em Minha Casa* (2001), PNBE (2006 até o presente). Todos os quatro enviaram acervos bibliográficos para as escolas públicas, priorizando na seleção autores e obras consagrados nacional e internacionalmente. Em relação à coleção *Literatura em Minha Casa*, esta apresenta três diferenças em relação aos projetos e programas anteriores: 1) objetiva a formação do acervo particular de cada aluno, estudante da rede pública oficial do país; 2) direciona-se não apenas para a primeira fase do ensino fundamental, mas também para a segunda; 3) constitui-se de coleções de autoria diversificada, reunindo em uma obra um mesmo gênero textual (Poesia, Crônica, Conto, Novela, Dramático, Clássico universal, Tradição popular...)

O fato enunciado, isto é, a compra e distribuição, pelo Estado, de acervos publicados e em circulação no mercado, entre as escolas públicas, tem a sua importância, uma vez que representa um dos passos para o encontro entre o livro e o leitor. Entretanto, esta política não tem conseguido atingir o seu objetivo voltado para a formação de leitores, pelo contrário, conforme ressalta ZILBERMAN (1988), quem mais têm se beneficiado é o mercado:

Embora tenha em vista o benefício da escola e do estudante, quem parece levar mais vantagem é o capital privado, pois as editoras recebem ajuda financeira antes ou depois de editarem os livros. E, enquanto os destinatários finais- professores e alunos- pouco podem opinar sobre o material que lhe foi generosamente enviado(e é por essa razão que não o fazem), os beneficiários nacionais podem usar de

seu poder para tentar influir na decisão sobre a aquisição dos títulos a editar ou adquirir.(p.54).

Sobre a hegemonia do mercado editorial, não podemos nos esquecer dos problemas que envolvem a presença do livro didático em nossas salas de aula, intermediando a relação entre texto e leitor. A este respeito, vários foram os estudos publicados nos anos noventa, enfocando as limitações das abordagens, sobretudo do poema, presentes no livro didático.

Logo para uma política bem sucedida de leitura faz-se necessário muito mais do que vem fazendo os programas em vigor atualmente, voltados para a compra e distribuição de livros para escolas. Acreditamos que se faz necessária a formação dos professores, visando prepará-los para o trabalho com os livros de modo a contribuir para a formação crítica dos leitores.

3 FORMAÇÃO DO LEITOR CRÍTICO ATRAVÉS DA LITERATURA INFANTIL: UMA ESCOLARIZAÇÃO ADEQUADA DA LITERATURA

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, deve-se estimular o aluno à curiosidade, o raciocínio e a capacidade de interpretar e intervir no mundo que o cerca. Os alunos desenvolvem o gosto pela leitura, lendo o que preferem de forma espontânea. Em que nós professores, precisamos compreender que ler é algo particular e cada leitura é única.

É necessário propor uma revisão em nossa maneira de atuar em sala de aula, melhor compreender a área de atuação do campo literário, ir mais além dos clássicos. E envolver o texto literário com o cotidiano do aluno. A proposta adequada no ensino literário consiste de fato em intervir no ensino a partir de estudos da atualidade até chegar aos períodos passados.

Indo mais além, no livro literário infantil busca atender as expectativas da criança, a partir do imaginoso, do dramatismo, a procedimento de elaboração e a linguagem. O livro interessante para criança deve recorrer ao caráter imaginário, demonstrados em mitos, aparições da antiguidade, monstros ou realidades dos tempos modernos; constituídos em: lendas, contos, fábulas, quadrinhos, narrativas etc.; descrito com beleza poética e ilustrações que mais sugerem do que dizem. (SOSA, 1978, p. 37). As crianças deslumbram-se com o

fabuloso, característica que traz como foco à imaginação é que desperta o máximo de interesse da criança:

A criança é criativa e precisa de matéria-prima sadia, e com beleza, para organizar seu “mundo mágico”, seu universo possível, onde ela é dona absoluta: constrói e destrói. Constrói e cria, realizando tudo o que ela deseja. A imaginação bem motivada é uma fonte de libertação, com riqueza. É uma forma de conquista de liberdade, que produzirá bons frutos, como a terra agreste, que se aduba e enriquece, produz frutos sazonados. (CARVALHO, 1982, p.21)

Cosson (2006) defende que o processo de letramento literário é diferente da leitura literária por fruição, na verdade, esta depende daquela. Para ele, a literatura deve ser ensinada na escola:

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (p. 23)

Deste modo, no letramento literário não podemos simplesmente exigir que o aluno leia a obra e ao final faça uma prova ou resumo, pois a leitura é construída a partir das estruturas que a escola desenvolve para a competência da leitura literária.

Para que o aluno tenha prazer na leitura, ele precisa passar pelo letramento literário. A escola tem papel fundamental nesse momento e talvez seja ela, de fato, a principal responsável pela formação e consolidação de alunos leitores. Leitores que sejam críticos e cidadãos atuantes de fato. Cosson (2006) defende que:

Na escola é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. (p. 65)

Já Pinheiro (2006), em seu texto “Teoria da literatura, crítica literária e ensino”, considera que o papel da crítica literária vai além de mera leitura, ela pode torna-se parceira no ensino (e do professor de literatura). Como cita Pinheiro (2006):

Noutras palavras, o professor de literatura deveria estar sempre às voltas com a crítica, tendo em vista que ela poderá aceita na perspectiva acima referida, ajuda-lo na descoberta de novos sentidos para as obras literárias. E se a crítica a que o

professor tiver acesso tiver uma complexidade conceitual não adequada a seu aluno, sua função será de tradutor dessa leitura. (p.118)

A crítica posta por Pinheiro (2006) quanto ao uso da teoria literária recai sobre o fato de geralmente utilizarmos como molde, que pode ser aplicado para distinguir os mesmos caminhos de compreensão e leitura de obras, como se não existisse peculiaridades em um conjunto de obras como a brasileira, amplamente diversificada. A sugestão dada por PINHEIRO (2006) seria a de repensar sempre se a teoria utilizada se encaixa no conforto com a nossa realidade. Pensando desta maneira, a nossa reflexão de leitura literária se renovaria, e claro, refletiria no ensino, na prática escolar.

4- A EXPERIÊNCIA COM A LITERATURA INFANTIL NO 6º ANO FUNDAMENTAL

4.1. As atividades realizadas

O gosto pela leitura é sempre um assunto que inquieta-nos constantemente, especificadamente no meio acadêmico, na graduação em Letras. Com isso surgiu atitudes (novas metodologias que estimularam o trabalho em sala de aula) que visaram melhorar e despertar o interesse do aluno a favor do ato de ler. Desejamos tornar possível criar um ambiente na escola e até mesmo fora dela no qual o aluno sentisse envolvido através de um mundo de livros e da literatura. Sem que isso fosse imposto. Além do ambiente que proporcionasse essas ações voltadas para o prazer e o entretenimento, buscamos trabalhar com a leitura de forma a oferecer a criança como aponta Freire (1988 *apud* GADOTTI, 1996):

É grande a distância entre o que é lido nas escolas e o mundo das experiências pessoais, o mundo em que todos vivem suas vidas, com experiências personalíssimas. Ao estudante, resta a obrigação de ler calhamaços, ou melhor, decorar mera e simplesmente. A vontade pessoal, os gostos de cada um pouco importa. Claro que está mudando esse quadro, apesar da lentidão e dos sempre escusos interesses de quem não deseja ver um Brasil de cidadãos opinativos e críticos.

Para concretizar a pesquisa e desenvolver o estudo direcionado à formação do cidadão como ser crítico social e intelectual, através da literatura infanto-juvenil, selecionamos uma sala do 6º ano na qual já atuamos como professora de língua portuguesa.

Ao iniciar o ano letivo, e com o intuito de trabalhar uma das maiores dificuldades que encontramos repetitivamente a cada ano e turma, resolvemos abordar a leitura literária a partir de estratégias que envolvessem os alunos.

Para este trabalho, recorreremos às estratégias de leitura apresentadas por Solé (1998, p.118) que propõem:

- Formular previsões sobre o texto a ser lido.
- Formular perguntas sobre o que foi lido.
- Esclarecer possíveis dúvidas sobre o texto.
- Resumir as ideias do texto.

Isabel Solé (1998) apresenta três etapas de atividades com o texto: o antes da leitura, onde se instiga o leitor a assumir um papel ativo diante da leitura, o durante no qual se constrói uma interpretação que ajude na resolução de problemas e o depois da leitura onde as etapas anteriores são unificadas de forma concreta. É importante destacar que a autora ressalta que essas estratégias não podem ser vistas como uma opção que deve ser seguida como uma receita, mas que elas são sugestões de meios pelos quais se pode incentivar a compreensão durante o processo de leitura, levando em consideração a presença de um leitor ativo. As etapas de leitura seguem segundo Solé a seguinte sistematização:

Para antes da leitura: Antecipação do tema ou ideia principal a partir de elementos para textuais, como título, subtítulo, do exame de imagens, de saliências gráficas, outros.

Levantamento do conhecimento prévio sobre o assunto; Expectativas em função do suporte; Expectativas em função da formatação do gênero; Expectativas em função do autor ou instituição responsável pela publicação.

Atividades durante a leitura: Confirmação, rejeição ou retificação das antecipações ou expectativas criadas antes da leitura; Localização ou construção do tema ou da ideia principal; Esclarecimentos de palavras desconhecidas a partir da inferência ou consulta do dicionário; Formulação de conclusões implícitas no texto, com base em outras leituras, experiências de vida, crenças, valores; Formulação de hipóteses a respeito da sequência do enredo; Identificação de palavras-chave; Busca de informações complementares; Construção do

sentido global do texto; Identificação das pistas que mostram a posição do autor; Relação de novas informações ao conhecimento prévio; Identificação de referências a outros textos.

Atividades para depois da leitura: Construção da síntese semântica do texto; Utilização do registro escrito para melhor compreensão; Troca de impressões a respeito do texto lido; Relação de informações para tirar conclusões; Avaliação das informações ou opiniões emitidas no texto; Avaliação crítica do texto.

Quando falamos com os alunos sobre o trabalho que iniciáramos com a leitura, inicialmente mostraram um sentimento de “ahh, hoje vai ser aula de leitura”, que “chato”. Viam a proposta como algo obrigatório. Mas não é desse modo que deve ser entendida a leitura, e sim como uma prática comum no nosso dia a dia, que pode ser feita em qualquer lugar e hora. De forma prazerosa, visando entretenimento ou informatividade. No primeiro dia com a turma, iniciamos um momento para eliminarmos esse sentimento de estranheza e repulsa em relação aos livros. Através de momentos reservados em espaços como na biblioteca, em casa ou até mesmo na área de lazer da escola (o pátio ou a quadra de esporte como exemplo). Onde pudéssemos ficar à vontade para pegar um livro, folheá-lo e, posteriormente, sentir interesse em lê-lo.

Foi apresentado de forma mais dinâmica a biblioteca da escola aos alunos, para o melhor desenvolvimento desse trabalho. Tomada por um grande incentivo em ver/perceber aquelas crianças despertando interesse por aqueles livros de todos os tipos.

Nesse primeiro contato com os livros, os alunos se sentiam motivados e contentes, mostrando grande impulso e curiosidade, a cada livro folheado, a cada figura vista, a cada título lido. Libertos para buscarem sozinhos o que gostariam de ler, sem imposição.

Durante os anos de escola, principalmente na universidade, os professores sempre ressaltaram a importância da leitura e seus benefícios, destacando as qualidades dos clássicos e a importância das obras contemporâneas. Isso não implica em começarmos ou só trabalharmos clássicos em sala de aula, em que muitas vezes os alunos já estão ou ficam traumatizados, pois o objetivo inicial é estimulá-los a despertar o interesse pela leitura, para que assim depois venham as outras ações que envolvem a leitura e para isso o professor/mediador tem que ter e mostrar o seu próprio interesse e amor pela leitura, isso é imprescindível.

Começamos inicialmente mostrando a eles a coleção da FNDE, que se encontrava na biblioteca da escola, a priori falamos da importância de conservação do material e a

organização que encontramos e que deveríamos manter em cada ambiente. Uma vez por semana fazíamos uma visita à biblioteca e líamos vários títulos (afim de que cada aluno pudesse se identificar e despertar a curiosidade, para ir além dos elementos pré-textuais de um livro), os resumos e as capas dos livros e durante 50 minutos, que equivale a uma aula, a curiosidades fluía como também o interesse com mais intensidade, querendo cada vez mais conhecer os livros e ler a história por completa. Discutíamos sobre a obra com base nas estratégias de leitura propostas por Solé: formulando previsões sobre o texto a ser lido; formulando perguntas sobre o que foi lido; esclarecendo possíveis dúvidas sobre o texto; resumindo as ideias do texto.

Com o passar do tempo, as visitas se tornaram mais frequentes e mais sistematizadas. E aumentava a inquietação de levar o livro para casa, de ter em mãos sempre que dispusesse de um tempo para que assim reservasse-o a leitura e assim conseguisse terminar a história, para subsequentemente começássemos a discutir sobre o que estava sendo lido. Após um mês, cada aluno passou a levar um livro para casa, de sua escolha e de forma espontânea, dedicamos duas aulas de 50 minutos a cada 15 dias para falarmos sobre os livros lidos de forma lúdica, criando um ambiente que reunia elementos motivadores e que a criança sintia o prazer na realização das atividades, em que cada aluno contava a história presente no livro, mas não seu ápice final, para que assim os demais colegas se interessassem por mais leituras, ou seja, cada aluno teria que “vender” o livro lido, mostrando sua atratividade. Isso durou mais dois meses.

No decorrer dos dias, os alunos ao chegarem nas aulas de língua portuguesa já se organizavam para o momento de “rodinha de conversa”, para logo em seguida adentrarmos nas discussões dos livros lidos pela turma. Sempre buscando mostrar a eles os conhecimentos prévios que cada um possuía e também expô-los para os demais colegas, compartilhando assim os conhecimentos de cada um, a fim de mostrar a importância do hábito de leitura em nossas vidas.

Logo após essas atividades trabalhadas, demos início a leitura do Livro *Alice no país das maravilhas*, em que todos da sala faziam uma leitura para depois analisarmos o livro. Mostramos a turma o livro de Alice, foi feito um breve resumo da obra para a turma. Alguns conheciam o filme. Fizemos cópias para a turma e demos a cada aluno uma cópia, para que assim todos pudessem ler ao mesmo tempo. Respeitando as limitações e individualidades de cada aluno Ficaram bem animados. Mostrando uma grande e boa receptividade. Pedimos para

que lessem, sem ver o filme antes e que a leitura fosse bem atenciosa e detalhada. A maioria o fez de forma bem empolgante.

Como bem afirma Coelho (2000, p. 198) “É o prazer abrindo o caminho para o conhecer”. Depois que a maioria fez a leitura completa do livro, algumas vezes na sala de aula, outras vezes em casa, partimos para a percepção a partir das leituras nas perspectivas de filmes.

Levamos a turma para o CineRT², cinema local da cidade (o município de Remígio tem uma parceira como o cinema local, então sempre que preciso por parte da educação “as escolas”, exibem filmes que estejam em cartaz ou filmes mais antigos), e assistimos ao filme em três versões diferentes³. Acentuando a perspectiva lúdica, das várias formas de leitura que podem ser feitas de um livro. Discutimos sobre a visão da obra e depois a visão que os autores de cada filme apresentavam a respeito da obra original. Por fim, refletimos com os alunos como poderíamos comparar a vida dos adolescentes a respeito da temática com o abordado no livro, o mundo imaginário na perspectiva da criança e suas inquietações e o modo de lidar com seus conflitos diários.

No decorrer das atividades, os alunos conseguiram fazer associações dos personagens do livro aos conflitos de vida que os adolescentes passam na vida real, observamos ao longo das atividades a percepção que os alunos conseguiram chegar, fazendo a relação das inúmeras interpretações que cabiam ao livro.

4.2. Do universo narrativo de Alice a recepção dos alunos

O livro conta a história de uma menina chamada Alice que como tantas outras meninas/crianças são curiosas, espertas e aventureiras. Dividido em doze capítulos, que

² O CineRT é o cinema local da cidade e possui uma parceria com a secretaria de educação da cidade, por meio da qual as escolas podem se utilizar do espaço sempre que necessário.

³ Alice no País das Maravilhas, escrito por Lewis Carroll, dirigido por Norman Z. McLeod em 1933.
Alice no País das Maravilhas, escrito por Lewis Carroll, dirigido por Hamilton Luske em 1951.
Alice no País das Maravilhas, escrito por Lewis Carroll, é um filme estadunidense-britânico de 2010, dirigido por Tim Burton e baseado no clássico.

narram a história/aventura vivida pela personagem Alice. A história começa com Alice deitada na grama com sua irmã, quando de repente um coelho branco passa por ela apressadamente para algum compromisso. Esse fato deixa-a intrigada e curiosa a ponto de chegar a segui-lo até uma toca, onde cai. Ao cair ela se depara que está em um salão com várias portas, mas nenhuma delas encontrava-se aberta. Em uma das fechaduras ela pôde espiar um belo jardim onde ela ansiava por chegar lá. No salão ela vê uma mesa onde há uma chave pequena, mas para ela entrar por essa porta ela precisaria diminuir de tamanho, olhando novamente para a mesa observa um frasco onde estava escrito beba-me.

Ela analisou o frasco e verificou se não estava escrito veneno, para não prejudicar-se futuramente, vendo que estava segura o bebeu. Ao encolher, percebeu que tinha esquecido a chave em cima da mesa e não conseguiria pegar a chave e que precisaria ser grande novamente. Assim, a obra aponta para o dilema de uma adolescente de ser grande e ser pequena, de que a maioria das crianças querem crescer logo, serem adultos e que quando são adultos lembram como era bom ser criança e querem volta a essa fase. Não só neste momento, mas como em outras partes do livro, Alice travava debates psicológicos com ela mesma sobre o que estava acontecendo em relação a sua própria identidade.

Ao conseguir passar pela porta, ela chega a um lugar fantasioso e com criaturas peculiares tais como: o rato e as aves, que ela amedrontou-os com suas histórias sobre a sua gata de estimação Dinah. Bill, um lagarto que sempre estava pronto para receber ordens; uma lagarta fumando que dava conselhos e que desenvolvia conversa pitorescas; o eterno chá da tarde que sempre havia na casa do lebre com o chapeleiro maluco; a Rainha de Copas cruel e malvada, que por qualquer motivo mandava cortar a cabeça de quem não a gradava.

Alice sentada em uma grande poltrona, brincando com sua gata, ver um grande espelho, onde ela resolve atravessá-lo. E vai parar num mundo fantasioso onde tudo é permeado pela reflexão do espelho e por regras e peças do jogo de xadrez. Ela começa a conversar com flores falantes e a caminhar para um lugar, uma colina para ter a visão melhor do ambiente onde estava. Só que até ela encontrar a Rainha vermelha, ela caminhava em várias direções erradas, e retornando assim ao mesmo lugar. Depois de se apresentar à rainha Vermelha e chegar ao topo da colina, Alice pôde observar que o lugar parecia com um tabuleiro de xadrez, onde para atravessar passaria por provocações mascaradas pelas jogadas de xadrez para chegar ao seu destino, ela conhecerá em meio aos caminhos de seu destino mais criaturas estranhas e com conversas questionadoras.

O livro *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas* trata-se de um livro fantasioso com situações inusitadas e esquisitas, narrado em 3º pessoa, com personagens peculiares e cativantes, que propiciam situações divertidas e travessas, sendo possível observar que o autor fazia paralelos entre o mundo real e o mundo fantasioso. Com uma escrita simples, repleta de metáforas, a obra envolve o leitor e instiga a sua reflexão crítica sobre si e sobre o mundo no qual está inserido.

As atividades que foram realizadas tinham como direcionamento criar uma interação entre os alunos e a leitura, um estímulo para provocar o interesse pela leitura para subsequentemente através da leitura desenvolver o senso crítico dos alunos, para que eles tornem-se capazes de identificar na leitura uma função social. E de acordo com as observações realizadas foi possível fazer um levantamento de que realmente os interessava e chamava-os a atenção. Uma narrativa lúdica dotada de significações que em podiam interagir e ao mesmo tempo de divertirem ao lerem e imaginarem tais situações peculiares e engraçadas que se encontrava dentro da história que envolvia a personagem “Alice”.

A desenvoltura de cada etapa foi de extrema importância para a sua eficácia e sucesso. A boa receptividade ocasionou uma boa interação. A persistência e as novas formas de abordagem de leitura de forma consciente buscou sanar a falta do hábito de leitura. Pois a infância se constitui de uma fase de descobertas, onde a criança busca incessantemente respostas aos seus questionamentos. Nada melhor que aproveitar esta fase para mostrar e desenvolver o gosto pela leitura.

Pois nós, professores, devemos proporcionar condições de perceber quais os interesses e necessidades de nossos alunos. A partir dessa percepção, podemos selecionar textos e até mesmo livros, de acordo com os gostos e apresentá-los, lê-los, interpretá-los, trocando ideias com os alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura Infantil é um agente transformador e formador, que, no ambiente escolar, desenvolve o gosto pela leitura, pois a literatura proporciona fruição, alegria e encanto quando trabalhada de forma significativa para o aluno. Além do que, desperta a imaginação, sentimentos, emoções, expressão de uma aprendizagem prazerosa.

O presente artigo teve como objetivo analisar uma proposta metodológica de estímulo de interesse ao gosto por leitura através da literatura infanto-juvenil. Buscamos como base alguns referenciais teóricos, que me possibilitassem desenvolver/criar práticas que auxiliassem para potencializar o estímulo a leitura. Partindo das reflexões apresentadas, mostramos ações pedagógicas que contribuíram de forma significativa para despertar o interesse pela leitura de alunos do 6º ano do ensino fundamental, partindo do objeto livro como suporte lúdico, atrativo e criativo.

Portanto, concluímos que é necessário fornecer ao leitor uma forma prazerosa de compreender, conhecer e reconhecer o ato de ler. O educador deve proporcionar um ambiente que instigue, enriqueça e amplie as possibilidades de entender, de ver as coisas e de ler o mundo, esses procedimentos são considerados grandes desafios para os profissionais de educação para uma possível formação de jovens leitores.

E ao longo das discussões neste trabalho, pudemos verificar que a literatura infanto-juvenil pode ser utilizada como instrumento de formação ideológica e consciente. Para tanto, faz-se necessária práticas pedagógicas desenvolvidas de forma criativa e bem planejadas a favor do desenvolvimento intelectual e da formação crítica a respeito do mundo. Como também através de uma atuação do professor reflexiva e crítica do que se é trabalhado em sala de aula.

Logo, concluímos que o planejamento, a seleção de obras de acordo com o interesse dos alunos e a mediação do professor são fundamentais para o êxito do trabalho com o texto literário na sala de aula.

ABSTRACT

This article corresponds to the analysis of the work with the literature developed in a class of the 6th year of elementary school. For the accomplishment of the study, we resorted to an action research, centered in the work with the literary reading in classroom. The experience appears linked to discussions related to reading practices at school. In emphasizing the importance of reading and its benefits, seeking to show stimuli to awaken interest in reading, so that later on come other actions involving reading and for this the teacher / mediator has to have and show their own interest and love By reading, this is imperative. By virtue of this question, we selected as theoretical reference authors that discuss the schooling of literature, among them: CADEMARTORI (2002), COSSON (2006), SOSA (1978), ZILBERMAN (1998).

Keywords: Children's literature. Reading. Training of readers.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. **A literatura infantil no compasso da sociedade brasileira**. In: AGUIAR, Vera Teixeira de & BORDINI, Maria da Glória. *Literatura; a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**, 2, ed. São Paulo: brasiliense, 2010.

CARVALHO, Barbara Vasconcelos. **Literatura Infantil: Visão histórica e crítica**. 2º Ed. São Paulo, Ática, 1982.

COELHO, Nelly Novais. **Literatura Infantil: Teoria Análise Didática**. Ed. Moderna, 1º Ed. São Paulo 2000.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006

CUNHA, Maria Antonieta. **Como ensinar literatura infantil**. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1970.

BORDINI, Maria da Glória. **A literatura infantil nos anos 80**. In: SERRA, Elizabeth D'Ângelo (Org.). *30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras*. Campinas: Mercado de Letras. Associação de Leitura do Brasil, 1998.

FARIA, Maria Alice. **Parâmetros curriculares e literatura: as personagens de que os alunos gostam**. São Paulo: Contexto, 1999.

FARIA, Maria Alice (Org.). **Narrativas Juvenis: modos de ler**. São Paulo: Arte & Ciência, 1996.

FREIRE, Paulo. **Ler palavras, ler o mundo**. In: GADOTTI, M. (Org.). *Paulo Freire: uma bibliografia*. São Paulo: Cortez, 1996, p. 453

LEAL, Leiva de Figueiredo Viana. **Leitura e Formação de professores**. In: MARTINS, Aracy Alves et al. *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LEITE, Lígia Chiappini M. **Invasão da cetedral: literatura e ensino em debate**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

MALARD, Letícia. **Ensino e Literatura no 2º grau**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

PAIVA, Aparecida; MARTINS Aracy; PAULINO, Graça & ZÉLIA, Versiani. **Literatura e Letramento: espaço, suportes e interfaces – o jogo do livro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PINHEIRO, Helder. **Teoria da Literatura, Crítica Literária e Ensino**. In: PINHEIRO, H.& NÓBREGA, M. (Orgs). *Literatura: da crítica à sala de aula*. Campina Grande: Bagagem, 2006.

SAWULSKI, V. *Fruição e / ou aprendizagem através da Literatura Infantil na escola*. 2002 <<http://www.cce.ufsc.br/~neitezal/literaturainfantil/verena.htm>> abril 2003.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Cortez, 1981.

_____. **Leitura na escola e na biblioteca**. Campinas: Papyrus, 1995.

SOARES, Magda. *A escolarização da literatura infantil e juvenil*. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (organizadoras). *Escolarização da leitura literária*. 2ª ed., 3ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, **2011**.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SOSA, Jesualdo. **A literatura infantil**. Tradução de James Amado – São Paulo: Cultrix: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**, 10 ed. São Paulo: Global, 1998.

ZILBERMAN, Regina. & SILVA, Ezequiel Theodoro da (Org.). **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1988

“Alice’s Adventurres in Wonderland” traduzido para “As Aventuras de Alice no País das Maravilhas” do autor Lewis Corroel (1832-1898), Editora Zahar, 1865, Páginas 149.